

A OFICINA HABILITADA: OS ANTECEDENTES DA LEITURA FILOLÓGICA DE GRAMSCI

THE EMPOWERED WORKSHOP: THE BACKGROUND TO GRAMSCI'S PHILOLOGICAL READING

*Aruã Silva de Lima*¹

RESUMO: Nesse texto, pretende-se apresentar antecedentes da abordagem filológica que inspirou os estudos gramscianos desde finais da década de 70 do século passado. É objetivo identificar a quais antíteses ela foi submetida, antes mesmo de almejar se tornar hegemônica na interpretação da obra gramsciana. O objetivo desse texto é apresentar ao público brasileiro os antecedentes da corrente filológica que elaborou o método de trabalho o qual, hoje, é inspiração para realização da chamada Edição Nacional dos Cadernos do Cárcere, atualmente em fase de elaboração na Itália. Este escrito está dividido em três partes. Na primeira se faz uma tentativa de estabelecer os vínculos históricos entre a filologia tradicional e sua vertente genético-crítica. Na segunda e terceira parte trata-se, respectivamente, das contribuições de Gianfranco Contini e Dante Isella na concepção do método que consagraria seus formuladores, a ponto de ser estruturante para edições críticas de autores clássicos da literatura renascentista e, mais importante para o nosso caso, de Antonio Gramsci.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia do autor; Antonio Gramsci; Dante Isella

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the background of the philological approach that has inspired Gramscian studies since the late 1970s. The aim is to identify to which antitheses it was submitted, even before aiming to become hegemonic in the interpretation of Gramscian work. The objective of this text is to present to the Brazilian public the antecedents of the philological current that elaborated the working method which, today, is the inspiration for the so-called National Edition of the Prison Notebooks, currently under elaboration in Italy. This text

¹ Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Serviço Social. arualima@gmail.com

is divided into three parts. In the first part, an attempt is made to establish the historical links between traditional philology and its genetic-critical strand. The second and third parts deal, respectively, with the contributions of Gianfranco Contini and Dante Isella in the conception of the method that would consecrate its formulators, to the point of being structural for critical editions of classical authors of Renaissance literature and, more importantly for our case, of Antonio Gramsci.

KEYWORDS: Authorial philology; Antonio Gramsci; Dante Isella

INTRODUÇÃO

O processo reflexivo de Antonio Gramsci é sempre um pensamento por fazer-se em torno de um ciclo de completude dinâmica.² Ao tempo em que existe no hiato entre inércia e movimento, porque interrompido e jamais finalizado por seu autor, simultaneamente pulsa como sistema dinâmico. Aí se localiza a dificuldade que aflige e inquieta estudiosos há quase 80 anos em relação tanto aos aspectos temáticos quanto à vicissitude dos Cadernos do Cárcere. As chaves usadas para lê-los foram variadas. No presente, parece importante apresentar ao público brasileiro a proposta de abordagem filológica da obra gramsciana a partir de uma perspectiva diferente. Não estará em exame, aqui, a obra de Gramsci e, sim, como e qual filologia vem se apropriando da leitura dos Cadernos e o que, de fato, isso significa para o campo de estudos gramsciano.

A abordagem filológica para a leitura dos Cadernos do Cárcere deve ser entendida como um conjunto de chaves analíticas e interpretativas que se sobrepõem numa intrincada trama metodológica com o objetivo de entregar ao leitor um texto dissecado em sua própria complexidade. Não pode ser confundida com uma leitura restrita à internalidade do texto. Uma vez que todo texto tem sua história, seus intertextos, seu tempo e, naturalmente, suas variantes internas, o objetivo desta filologia é entregar esse emaranhado ao leitor, para que, ciente, possa fazer o percurso de leitura que melhor lhe

² BARATTA, Giorgio e CATONE, Andrea. **Tempi moderni: Gramsci e la critica dell'americanismo**. Roma: Edizioni Associate, 1989, p 167.

aprovar. Não é uma proposta que visa, necessariamente, facilitar a vida do leitor médio. Pelo contrário, trata-se de um convite a um labirinto com uma guia.

Na análise filológica, as sobreposições de camadas de análise obedecem ao objetivo de encontrar no texto a interpretação mais fiel ao que o próprio texto explicita, na medida em que submete o escrito a um exame de sua lógica interna, exposta à sua condição de elaboração e, por fim, diante do cruzamento com outras informações, as intencionalidades do autor. Estas últimas, como dito, são reveladas por elementos que não pertencem à obra física acabada e publicada, portanto fisicamente apartada do autor, mas inseridas no seu sistema mental.

Diante de uma obra qualquer, a abordagem filológica permite uma apreensão robusta dos sentidos atribuídos aos textos por quem escreve a partir de uma abordagem da obra em exame que contemporaneamente chama-se genético-crítica. O ataque filológico a um escrito necessita material empírico que permita analisar o processo de feitura da obra, de modo a identificar as *variantes do autor*. Ou seja, o novelo é desfiado a partir do primeiro, o segundo e quantos mais rascunhos houver. Cotejá-los, a todos, à forma final da versão pública, quando houver é a condição ideal para o exercício. Tal procedimento de crítica textual chegou, com vigor decisivo, à obra gramsciana em finais dos anos 1970, pouco depois da reconstituição dos Cadernos do Cárcere, cuja edição foi liderada por Valentino Gerratana que os publicou em 1975, pela Editora Einaudi. Como será evidenciado neste texto, não é que a abordagem genético crítica não existisse ou, ainda, que fosse desconhecida àquela altura. Tal ferramenta de análise já estava em processo de forja, pelo menos, desde 1929 quando o próprio Gramsci já escrevia seus Cadernos.³

A história da edição da obra de Gramsci já foi contada. Entretanto, não custa lembrar alguns aspectos a respeito do histórico de publicações dos escritos de Antonio

³ Giorgio Pasquali fez uma resenha de *TextKritik* de Paul Maas, em 1929. Em 1934, publicou a primeira edição do seu *Storia della tradizione i critica del testo* em que fez uso do princípio estruturante da ideia das variantes do autor. Cf. AVALLE, D'Arco Silvio. **Principi di critica testuale**. Padova: Editrice Antenore, 1978, p 37. Há também quem crave o início da abordagem estruturada nos achados de variantes do autor a edição crítica de alguns fragmentos manuscritos de *Orlando Furioso* elaborada por Santorre Debenetti, em 1937. Cf. ITALIA, Paola; RABONI, Giulia. **What is Authorial Philology?** Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2021, p 6-7.

Gramsci. Em 1947 foram publicadas as Cartas do Cárcere, ou pelo menos parte do epistolário gramsciano devidamente editado e escolhido por Palmiro Togliatti e Felice Platone. Em seguida, o esforço essencial do Partido Comunista Italiano (PCI) foi encontrar uma maneira de tornar inteligíveis as anotações do pensador sardo, de modo que ao mesmo tempo promovesse um Gramsci ao público que não constrangesse o partido e seu marxismo-leninismo na difícil conjuntura intelectual italiana pós-Segunda Guerra. O lançamento da hoje chamada edição temática dos Cadernos se deu entre 1948 e 1951. Em seis volumes, os textos foram ordenados por temas e estruturados, entre cortes e edições, pelos mesmos editores das Cartas. Até 1975, quando Valentino Gerratana lançou a edição crítica dos Cadernos, desta vez obedecendo a critérios cronológicos do texto, não havia qualquer outra maneira de ler Gramsci senão pela interposição da edição temática.

A chamada “edição Gerratana”, por sua vez, fez uso de ferramentas filológicas e de trabalho linguístico para adequar os diferentes aspectos textuais que envolvem uma obra em condições muito específicas de escrita, como é o caso dos Cadernos do Cárcere. Ocorre que, embora o editor tenha feito um esforço filológico para adequar a edição dos Cadernos à ordem em que foram produzidos, respeitando as condições de escrita e, na medida do possível, orientando criticamente a leitura do texto, Gerratana realizou escolhas que geraram críticas de quem acompanhava as transformações na filologia, em especial, no campo que havia construído notável expertise no tratamento de textos *in fieri*. Mais importante que tudo, a opção de Gerratana, dito pelo próprio, foi levar à impressão os Cadernos tal como eles se encontravam. Essa foi a maneira mais efetiva de distanciar a nova versão daquilo que significava a edição temática. Publicar os Cadernos em sua forma crua era um movimento extremo e oposto às intervenções feitas vinte anos antes no texto carcerário gramsciano e isso ampliava a legitimidade do feito de Gerratana e sua equipe. Em todo caso, em adição a possíveis outras determinações, principalmente aquelas de natureza essencialmente políticas, o debate sobre a obra de Gramsci ganhou, além dos contornos ideológicos que já estavam consolidados, uma nova frente de discussão metodológica acerca da edição dos Cadernos após o lançamento da “versão Gerratana”.

A edição Gerratana permitiu que a forma filológica da crítica ganhasse terreno. Sobretudo porque o próprio Gramsci pensava em termos de filologia, como já evidenciou Álvaro Bianchi. Do ponto de vista temático e metodológico, a filologia enquanto campo de saber, teve um intenso protagonismo na vida intelectual de Antonio Gramsci. Bianchi reconstrói parte do ambiente intelectual no qual Gramsci estava inserido e aponta os limites do próprio campo da filologia do tempo de Gramsci. Por outro lado, o próprio Bianchi também identifica a expansão do conceito de filologia operado pelo pensador sardo. Talvez um tanto arriscado sugerir que Gramsci antecipava uma *filologia do autor*, mas Bianchi é preciso ao definir a noção de "filologia viva" e de uma " 'filologia da sociedade' atenta à variedade e multiplicidade dos fatos sociais".⁴

Nesse texto, pretende-se apresentar antecedentes da abordagem filológica que inspirou os estudos gramscianos desde finais da década de 70 do século passado. É objetivo identificar a quais antíteses ela foi submetida, antes mesmo de almejar se tornar hegemônica na interpretação de Gramsci. O objetivo desse texto é narrar ao público brasileiro os antecedentes da corrente filológica que elaborou o método de trabalho o qual, hoje, é responsável pela realização da chamada Edição Nacional dos Cadernos do Cárcere, atualmente em fase de elaboração na Itália.

DA FILOLOGIA ITALIANA: A CRÍTICA CROCEANA E A EMPIRIA

Nascida em fins dos anos 70 do século passado, a, assim chamada, abordagem filológica da obra gramsciana é resultado de uma tradição estabelecida e consolidada na organização disciplinar europeia desde o século XIX. Há quem sugira um marco inicial em meados do século XVII, o que parece um anacronismo.⁵ Difícil e impreciso como é localizar os inícios rígidos de histórias que estão plasmadas em processos determinados por múltiplos fatores e que se movimentam em diferentes velocidades no tempo, pode-se identificar em Gianfranco Contini (1912 - 1990) um dos principais responsáveis pela ativação dos estudos filológicos sob novas diretrizes de método na Itália. O próprio

⁴ BIANCHI, Álvaro. Gramsci, filólogo. *International Gramsci Journal*, Wollongong, Vol. 4, No. 13, p. (3-46), 2021, p 38.

⁵ ITALIA et RABONI, *idem*, pp IX-X.

Contini, porém, é também resultado de um emaranhado histórico e sua abordagem que culmina na conhecida "filologia do autor" teve um longo curso até assumir protagonismo na segunda metade do século XX.

O campo de estudos filológicos, instituído como espaço disciplinar autônomo, vizinho privilegiado da História e da Filosofia, foi estabelecido em meados do século XVIII na Europa. Os estudos clássicos, a leitura dos textos renascentistas e a revisitação dos escritos antigos constituem parte do processo formativo na academia europeia desde o século XIX e a abordagem desses textos, na Itália, transitou entre ênfases linguísticas, estéticas, filosóficas, literárias e filológicas.

A questão da língua, da palavra do ponto de vista idiomático, teve, como era de se esperar, importância fundamental no processo de consolidação dos Estados Nacionais no século XIX, em especial, no caso de Alemanha e Itália, duas nações cujas unificações se deram tardiamente quando comparadas com realidades nacionais outras na Europa continental.

Ora, o esforço intelectual de produzir uma unidade linguística passou pelo necessário escrutínio e invenção de uma história da língua, do estudo das origens das palavras, de suas acepções e usos, em especial, no que diz respeito à forma escrita.⁶ Essa é uma razão pela qual os autores renascentistas, por exemplo, são apresentados como italianos antes mesmo da Itália existir como nação. Ou ainda, os filósofos que passaram a ser tratados como alemães e italianos ainda que em suas vidas não houvesse um estado-nação alemão ou uma Itália. A língua como componente decisivo da nacionalidade, portanto, teve na filologia uma importante aliada.

Talvez pelas razões acima, durante o pós Grande Guerra, a prática da crítica textual na Itália relegou a um certo ocaso métodos e abordagens de natureza filológica. Esta foi acomodada num lugar de subalternidade dada a decisiva influência de Benedetto Croce que tornou dominante uma análise que privilegiava o elemento estético no texto literário. Croce influenciou a crítica textual de tal modo que uma oposição a esta

⁶ Cf. LEVENTHAL, Robert S. The Emergence of Philological Discourse in the German States, 1770-1810, *Isis*, Chicago, Vol. 77, No. 2, p. (243-260), Jun., 1986; REILL, Peter Hanns. Philology, Culture, and Politics in Early 19th-Century Germany, *Romance Philology*, Oakland, Vol. 30, No. 2, p. (18-29), Nov., 1976.

abordagem só foi possível pela via de um exercício filológico, próximo de um labor investigativo, de natureza historiográfico. Como o próprio Croce reconheceria certa aversão aos elementos empíricos da crítica, este terminou sendo o ponto de maior tensão conceitual: o papel dos vestígios para explicação, interpretação e compreensão do texto literário e, de quebra, filosófico.

Croce, cético da capacidade dos seres humanos de conhecer o passado como tal, ainda que tenha formulado seu próprio historicismo, compreendia a existência de monumentos e documentos dedicados ao passado como uma forma de "celebrar e de maneira ciumenta de guardar o passado".⁷ Ironizando o trabalho de arquivistas e arqueólogos, Croce dizia ter-lhes piedade, por supostamente acharem que carregavam a história em suas gavetas e armários, onde estavam suas fontes. Seria um peso demasiado. De uma forma um tanto demagógica, Croce respondia ao que compreendia como empiricismo que "Enquanto a história está em todos nós e as fontes estão em nosso coração. Nosso coração e só ele é o caldeirão em que o *certo* é convertido no tempo, e então a filologia, casada com a filosofia, produz a história".⁸

Desde 1909, Croce entendia que

A construção de um conceito empírico é uma operação indutiva, um pronunciamento que os objetos a, b, c, d, etc. pertencem a uma classe determinada. A construção da classe e o julgamento classificatório são realmente um e o mesmo ato, embora por conveniência os tenhamos tratado em sucessão.⁹

A crítica que faria mais tarde aos procedimentos empíricos obedecia a essa formulação de 1909, como se o procedimento de captura empírica resultasse em uma abordagem positivista. Embora ele próprio tenha escrito obras de história, tal exercício resultava, em sua avaliação, de uma obra do espírito e de uma indução, razão pela qual a captura do passado era um exercício análogo a um feito filológico.

⁷ CROCE, Benedetto. **Philosophy, Poetry, History: An Anthology of Essays**. Londres, Toronto e Nova York: 1966, p 508.

⁸ *idem*, p 508.

⁹ *idem*, p 70.

3. A "CRÍTICA DAS CORREÇÕES" E A CRÍTICA CROCEANA

O pano de fundo do debate que deu guarida às formulações as quais viriam redundar no método filológico em tela, denominado de a "filologia do autor", foi a análise de *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto. Trata-se de um texto do século XVI cuja história é entrecortada por versões e adições, além da conservação de escritos em cadernos e remanescentes de anotações. Assim, a obra de Ariosto foi legada aos contemporâneos do século XX incluindo textos efetivamente publicados (em versões diferentes), rascunhos e as anotações. A crítica seminal ao poema épico de Ariosto foi elaborada por Croce a partir de uma abordagem cujo foco foi o aspecto estético em que ele identificou a harmonia como sendo o princípio fundamental.

A análise de Gianfranco Contini, em 1939, não pretendia contrapor a posição croceana. Na verdade, a inicialmente chamada "crítica das correções" tinha como propósito apresentar-se enquanto uma abordagem pedagógica da crítica croceana na medida em que se propunha a acrescentar o estudo das correções textuais aos elementos então legitimamente preponderantes - a estética e a filosofia. Contini elaborou sobre as implicações de sua abordagem e tinha em mente desdobramentos conciliatórios entre a "crítica das correções" e a abordagem croceana. A diferença fundamental era o ponto de partida: Contini propunha a aproximação a um texto a partir de uma noção dinâmica do escrito, enquanto a análise croceana entendia o texto como fato dado, estático, a partir da publicação autorizada pelo autor.

Durante os anos quarenta, após a Segunda Guerra Mundial, o debate acerca das propostas de Contini continuou, impulsionada pela visceral circunstância política italiana do pós-Segunda Guerra. O choque interno das tendências anti-fascistas, a partir da derrota do fascismo, se expressava de variadas formas, inclusive no debate acerca da crítica textual. A crítica mais dura que Benedetto Croce elaborou foi feita num artigo publicado em 1947, "Illusione sulla genesi delle opere d'arte, documentabile dagli scartafacci degli scrittori". Croce insistia, nesse escrito, que o valor da poesia estaria definido a partir de um ponto de partida fixo que era o texto final concebido pelo autor já que ali estava

situada sua verdadeira poesia. Por isso, a investigação dos manuscritos e anotações do autor constituiria um esforço inútil de interpretação poética.

Contini, por seu turno, responderia a Croce, no texto 'La critica degli scartafacci'. Seu argumento fundamental era que, se a poesia verdadeira se encontrava na obra final do autor, também seria possível encontrá-la no processo de movimento do autor até o texto final, ou, melhor dizendo, no processo de aproximação do autor ao texto acabado e publicado. Ou seja, Contini propôs historicizar o processo criativo. Com isso, seria possível reconstruir o sistema de correções utilizado pelo autor. Em outras palavras, seria razoável identificar os pontos de partida e de chegada dos textos e no transitar de um ponto a outro, estaria evidente aos olhos do crítico aquilo que era importante para o autor.¹⁰

A resposta de Contini não foi proporcional, em ferocidade, ao ataque croceano. A resposta pretendeu explicitar de modo reiterado o desejo de conciliação: o reconhecimento da primazia da estética, por um lado, e, por outro, o caráter auxiliar que a "crítica das correções" assumiria, de acordo com sua proposta. Tratava-se, em seu dizer, de uma versão pedagógica da crítica croceana.¹¹

DA "CRÍTICA DAS CORREÇÕES" ÀS VARIANTES DO AUTOR

O debate com Croce continuaria ao longo dos anos que seguiram, até a acomodação dessa nova filologia, com a ascensão de discípulos de Contini a posições Universitárias, em especial Cesare Segre e, fundamentalmente, Dante Isella. Aos poucos, a "crítica das correções" passaria a ser conhecida como um método de edição que se ocuparia de identificar as "variantes do autor". Esse procedimento de análise filológica também conhecido como genético crítico seria aprimorado, do ponto de vista técnico, pelos pupilos de Gianfranco Contini. Eles foram os responsáveis, em grande medida, pela execução e superação do percurso trilhado por Contini. A versão "variantes do autor" terminou cunhada em razão dos trabalhos de Isella. Isto se deu também pelo fato de

¹⁰ A reconstituição desse debate se encontra em texto já citado de Paola Italia e Giulia Raboni.

¹¹ ITALIA et RABONI, *idem*, pp 8-9.

Contini não ter sido responsável por edições críticas na quantidade e qualidade daquelas que Isella publicou. Este último assumiu edições e reedições de inúmeras obras da literatura italiana, a partir do modelo genético crítico.

O esforço para instituir uma forma de abordar textos manteve os filólogos em choque com a filosofia hegemônica, que era representada por Croce. O que, em princípio, estaria em disputa, no nascimento do trabalho genético crítico, entre Croce e Contini, era o sentido dos vestígios do passado *vis-à-vis* à possibilidade de se contar a história. Dito de outro modo: até que ponto a empiria serviria para explicar os sentidos atribuíveis a um dado texto, seja ele histórico, seja literário ou mesmo filosófico?

O próprio Croce reconheceria, em dado momento, que:

Mesmo o pensador, quando uma idéia surge em sua mente, muitas vezes deve resignar-se a renunciar à busca de uma expressão fina e adequada, em favor de algum sinal, marca, linha, arranhão, ou mesmo palavra convencional com a qual fixá-la em sua mente para que, na devida época, ela possa piscar novamente quando ele estiver no caso e em um estado de espírito adequado.¹²

O que Contini e Isella pretendiam era, precisamente, capturar o vestígio no papel do exercício mental que Croce descrevera acima. Para Contini e Isella, a captura desse momento do processo de escrita ajudaria a entender e interpretar sentidos desejados pelo autor assim como limitar a diversidade de acepções da forma final.

O exercício de pensar o processo de feitura de um texto, da concepção expressa em rascunhos à obra final, quando há, é o procedimento da filologia do autor. Em alguma medida, análoga à chamada fenomenologia do original, retira qualquer essencialidade do exercício da autoria. Ao reconstruir o labor da escrita, lhe concede uma história própria que não é dissociada do mundo sobre o qual ela trata, mas lhe constitui uma autonomia fenomênica e ontológica a partir qual se abre um amplo leque de novas perguntas. Para realizar esse exercício, é preciso partir de um pressuposto fundamental: a obra escrita é composta por um sistema dinâmico. Neste caso, "sistema" não define um isolamento do

¹² CROCE, *idem*, p 301.

mundo, como se a obra fosse analisada internamente; ao contrário, o que se chama de sistema dinâmico concerne a obra e a sua condição de escrita. E, neste esforço de reconstruir a história da própria escrita, a obra não pode ser um fato estático, dado, como se a materialização em livro publicado findasse os recursos exegeticos. O percurso autoral que lhe precede é parte do seu conteúdo filológico e, desse modo, constitui um dado em permanente dinamismo interpretativo. Tal como a história é sempre reescrita, a filologia do autor é também dinâmica. A questão do sistema dinâmico e do texto em movimento aparece em Contini quando este defende a importância dos rascunhos de textos de um poeta para que se compreenda o texto final.

Que significado têm os manuscritos corrigidos dos autores para o crítico? Há essencialmente duas maneiras de se considerar uma obra de poesia. Uma é uma perspectiva estática, por assim dizer, que pensa na obra como um objeto ou resultado, dando uma descrição caracterizadora da mesma. A outra é uma dinâmica, que a considera como um produto humano ou uma obra em andamento e representa dramaticamente sua vida dialética. A primeira abordagem avalia a obra poética em termos de um 'valor'; a segunda perspectiva a avalia em termos de uma 'aproximação sem fim a um valor'. Esta segunda abordagem, comparada com a primeira, 'absoluta', pode ser definida como 'pedagógica', no sentido mais elevado da palavra. O interesse por versões posteriores e variantes autorais (como com os pentimentos e as pinturas de um pintor) se enquadra nesta visão pedagógica da arte, uma vez que substitui o mito da representação dialética por elementos históricos mais literais e documentalmente fundamentados.¹³

A ênfase na característica dinâmica dos textos é um aspecto essencial do enfrentamento à via croceana de crítica textual. Dante Isella assume um enfrentamento aos questionamentos de uma maneira pragmática na medida em que busca evidenciar, na edição dos textos poéticos assim como na elaboração da crítica, o que a abordagem genético-crítica incorpora ao valor estético da obra. À primeira vista, pode-se parecer que se trata de uma oposição empirista de Isella. O filólogo pavese, num primeiro momento, buscou argumentos práticos para refutar críticas à pretensa inutilidade dos rascunhos.

¹³ CONTINI, Gianfranco apud *What is Authorial Philology?*, p. XVI.

Depois de citar a necessidade de se estabelecer uma noção dinâmica da obra poética (e não estática - " tomado como resultado, como um objeto a ser submetido a uma descrição caracterizadora ") "em virtude do qual a obra poética é configurada, em vez de como um 'valor', como uma tendência perene para 'valor'.

Daí a legitimidade e, neste caso específico e na medida em que um trabalho solicita o meio de abordagem mais apropriado, a preferência por uma leitura realizada ao longo do emaranhado de variantes, seguindo o trabalho corretivo do poeta na medida em que podemos reconstruí-lo em suas leis internas.

(...)

Não é formalista, portanto, isto é, não se preocupa com o aspecto formal fora de sua funcionalidade poética, que é a acusação mais comum a ela nivelada, nem é ahistórica, se é amor à história, não a tintas amareladas e rabiscos empoeirados, que a faz vaguear pelas oficinas secretas dos escritores: Nem a ilusão ingênua de ver a grama crescer, ou seja, de surpreender o nascimento flagrante da poesia, a move, mas a curiosidade nunca saciada do historiador, que rejeita de si mesmo, o mais atrás possível, o limite do mistério.¹⁴

É nesse sentido que a proposta de Contini, superada por Isella, extrapola as proposituras filológicas anteriores uma vez que supõe a existência de variantes dos autores e não variantes únicas, como se cada autor tivesse uma única variação. De acordo com Isella, ainda imerso no sistema estético croceano, Contini entendia as "variantes do autor" como um dispositivo de controle das características estéticas de cada autor. Ainda que elas pudessem ser diversas entre si, constituíam-se como uma ferramenta de controle da característica estética de cada um. Portanto, havia um limite de elasticidade estética para as variações. Esse limite seria identificado pela caracterização da sistemática corretiva processual do autor, pelo sistema de correções.

Do ponto de vista do trabalho efetivo, o labor de Isella é instruído a partir de um conjunto de procedimentos. O primeiro e mais elementar é o ordenamento cronológico da base empírica que, neste caso, é constituída pelo conjunto de escritos deixados pelo

¹⁴ ISELLA, Dante. *L'officina della "Notte" e altri studi pariniani*. Milano e Napoli: R. Ricciardi, 1968, pp 42-43.

autor. O *corpus* documental é composto por, basicamente, tudo que há disponível. De cartas a rascunhos, de anotações esparsas ao texto final, tudo deve ser ordenado cronologicamente. Definir a cronologia de um texto não é uma atividade simples, sobretudo se o autor teve por hábito trabalhar em diferentes textos ao mesmo tempo, como foi o caso de Gramsci, por exemplo. Sendo assim, a definição cronológica é, por si só, um elemento sujeito a litígio. Paralelamente à organização do material documental em função do tempo, Isella se propunha a interpretar as formas de expressão dos hábitos de escrita do autor e, fundamentalmente, como seus modos de correção se desenvolviam. Desse modo, Isella habilitou uma ecdótica intensiva que, diferentemente da ecdótica antiga, não se restringia a corrigir erros de transcrição. Aqui, Isella propunha uma interpretação densa do processo criativo a partir dos vestígios deixados pelas formas por meio das quais o autor se fazia materializar na escrita, por assim dizer. Em resumo, faz-se chocar rascunhos, cartas, documentos diversos e versões finais.

Está evidente que um desdobramento natural dessa sistemática é dirigir um maior protagonismo à figura do editor que incide com maior vigor nos textos outrora estáticos. Esse procedimento permitiria, segundo Isella, identificar as variantes do autor e promover uma crítica acurada às edições de escritores antigos e modernos. A estratégia analítica de Isella obedece ao fim último de construir uma robusta moldura descritiva e interpretativa. Por isso, ele elege como fundamental identificar a(s) peculiaridade(s) das condições textuais dos escritos que analisa. Em duas análises práticas, tem-se a seguinte conclusão:

Nos casos da coleção de rimas de Tasso e das diferentes versões dos poemas de Parini, Isella insiste na necessidade de distinguir entre diferentes fases composicionais que correspondem a diferentes arranjos autorais, e cria aparelhos que são funcionais para representar o processo das variantes. Para este fim, Isella introduz, no caso do *Giorno* de Parini (1969), a distinção entre o aparelho genético e o aparelho evolutivo. O primeiro inclui a elaboração genética antes do texto-cópia; o segundo testemunha as variantes que o seguem sem tomar forma numa revisão completa e coerente (dando assim testemunho de uma fase de escrita completamente diferente da representada pelo seguinte estatuto de redação).¹⁵

¹⁵ ISELLA, *idem*, pp 15-16.

O EXEMPLO CLÁSSICO

O exercício de crítica textual interna ao próprio texto, associada às condições de escrita investigadas pelos elementos externos a obra em análise constitui o núcleo da atividade filológica genético-crítica. Nas próximas páginas, será feita uma exposição de uma análise empreendida por Dante Isella.

A rigor, Isella divide as obras em dois tipos: obras *in fieri* e obras já testadas por múltiplas edições. A caracterização da obra *in fieri* segue abaixo:

Umhas poucas obras de poesia como o *Giorno* de Parini (pensa-se imediatamente em *Grazie* de Foscolo como um caso semelhante) podem ser descritas como uma obra *in fieri*¹⁶: o poeta, que apesar de ter lhe esperado durante cerca de quarenta anos, nunca conseguiu pôr um fim e completar a sua obra eterna; não só isso, mas num período tão longo, culturalmente muito móvel, o *perfectum*, que é o que já tinha sido feito, e mesmo entregue à impressão (é o caso de *Mattino* e *Mezzogiorno*), era continuamente rebaixado a *infectum*¹⁷, a fábrica que já tinha sido parcialmente erguida, foi deslocada como armazém de materiais semi-acabados que poderia ser utilizado para outra fábrica, substancialmente diferente.”

O texto em questão é de Giuseppe Parini. Um poeta do iluminismo italiano que escrevia sátiras à aristocracia. A mais conhecida é *Il Giorno* que pretendia descrever como um jovem aristocrata preenche seu dia. A análise de Parini foi feita em seu seminal livro cujo sugestivo título é "L'officina della 'Notte' e altri studi pariniani", de 1968. Aqui, Isella faz uma advertência de dupla natureza, tanto metodológica e procedimental:

Gostaríamos de destacar dois requisitos preliminares. A primeira, à qual os mais recentes e mais inteligentes estudiosos do problema deram o devido destaque, é a necessidade de distinguir, com base no manuscrito e na tradição impressa, e de manter editorialmente distintas, duas edições de *Il Giorno*: uma minuta correspondente ao projeto inicial de uma obra em três partes, duas das quais foram totalmente realizadas (*Mattino* e *Mezzogiorno* nas edições de 63 e 65), mais uma terceira, *Sera*, prometida

¹⁶ Em progresso.

¹⁷ O dualismo *perfectum-infectum* é usado no italiano para se referir uma contraposição verbal de tempos: enquanto *perfectum* se refere ao presente e à expectativa de finalização de um dado processo, *infectum* se entende como sinônimo de imperfeito, de pertencente ao tempo futuro e de condição de inacabada. (Acessado a 14 de julho de 2022: <https://www.treccani.it/enciclopedia/infectum/>)

na carta acima mencionada à Colombani para a primavera de 67, mas depois deixada inacabada; e um segundo rascunho, consignado apenas aos manuscritos, que responde a um projeto posterior de um trabalho em quatro partes, onde *Mattino* e *Mezzogiorno* (renomeado, entretanto, como *Meriggio*), radicalmente retrabalhados, são completados em uma unidade maior com *Vespro* e *Notte*.

Isella condiciona o restante da sua análise à observância das condições de escrita e do processo cronológico de feitura dos textos literários. Tal é a condição para o segundo - e mais importante - passo: a crítica. Embora ontologicamente superior ao trabalho filológico, uma presunção falsa sobre um dado texto pode ocasionar numa crítica inteiramente equivocada. E é exemplo que Isella usa, em sua análise de *Giorno* de Parini. Para ele,

A tese da "ambiguidade" da arte de Parini, baseada criticamente em certas dissonâncias no interior de *Il Giorno*, depende, em nossa opinião, em grande parte, da confusão editorial das duas edições do poema, de modo que, desde a primeira impressão em 1801, de Francesco Reina, até as mais recentes, de Albini, Mazzoni, etc., não houve nenhum obstáculo para a montagem do texto do *Mattino* e do *Mezzogiorno*, como lemos nas gravuras originais, com *Vespro* e *Notte* retiradas dos manuscritos; de fato, em muitos casos, para contaminar leituras que pertencem a diferentes fases do longo processo de elaboração.¹⁸

O exemplo que Isella oferta diz respeito precisamente a escritos de Parini localizados em diferentes momentos de sua vida. Tais diferenças temporais foram ignoradas de modo que as sucessivas edições terminaram dando uma coesão inexistente a uma obra que continha pedaços específicos, produzidos em diferentes momentos.

um pastiche onde as conexões internas se tornam necessariamente precárias, já que a estrutura das duas últimas partes pressupõe o texto das duas primeiras, já que ele parece retrabalhado nos manuscritos, e não a primitiva das gravuras; e onde, além disso, dois tons, dois momentos diferentes da poesia de Parini, são obrigados a coexistir juntos, segundo uma unidade completamente ilusória, porque a primeira metade é temporária e, o que é mais importante, estilisticamente contemporânea para

¹⁸ ISELLA, *idem*, pp 41-42.

as odes juvenis, para a arte do primeiro Parini, enquanto a segunda é contemporânea para as grandes odes de sua maturidade.¹⁹

As edições conduziam a leitura e interpretação de que havia ambiguidades na obra pariniana, quando na verdade havia viés promovido pela edição e não pelo próprio autor. O que Isella argumenta é que o poema é, ele próprio, um documento do processo de transformação do poeta, uma vez que foi escrito ao longo de um longo período da vida de Parini. Onde se argumenta ambiguidades, na prática o poema é vestígio, é documento da transição do autor, da juventude à maturidade.

A crítica das edições antigas e contemporâneas dos textos parinianos, por parte de Isella, está assentada na forma de trabalho de Parini que o próprio Isella identificou:

Para tornar a tarefa ainda mais intrincada, porém, não ajudando não apenas a explicitar datas, mas também pistas úteis para corrigi-las indiretamente, deve-se acrescentar que Parini nem sempre procede em sua correção em uma direção reta: de a para b, de b para c e assim por diante, mas muitas vezes volta atrás, como se buscasse no passado uma segurança perdida.²⁰

Por essa razão, a observação anterior sobre os problemas nas edições de Parini não constitui em uma crítica visceral ao trabalho dos editores. Em verdade, Isella compreende a dificuldade em capturar a caótica rotina de trabalho de Parini, como se vê na citação acima. A identificação adequada do modo de escrita, incluído aí o que se escreve, o que se suprime, os movimentos de colocação de palavras ali ou acolá, consiste na caracterização do chamado sistema de correções. Daí que encontrar cada um dos procedimentos e explicá-los no âmbito de um sistema, e não os isolar como fatos desconexos, é o grande desafio do método filológico proposto por Isella.

¹⁹ ISELLA, *idem*, p 42.

²⁰ ISELLA, *idem*, p 44.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explicação teórico-metodológica mais evidente dos procedimentos adotados por Isella para a crítica textual a partir de uma abordagem filológica pode ser resumida na longa passagem abaixo. Tal trecho permite compreender em que ambiente intelectual estava imerso e em que se inspirou Gianni Francioni, precursor da filologia gramsciana, quando escreveu o decisivo *L'officina gramsciana. Ipotesi sulla struttura dei «Quaderni del carcere»*.

Daí a legitimidade e, neste caso específico e na medida em que um trabalho solicita o meio mais adequado para sua abordagem, a preferência por uma leitura realizada ao longo do emaranhado de variantes, seguindo o trabalho corretivo do poeta na medida em que podemos reconstruí-lo em suas leis internas, Onde podemos ver que a constituição crítica do texto, de qualquer texto, que é a tarefa principal da filologia, não é uma operação mecânica, mas eminentemente espiritual, como qualquer operação que, no uso correto de uma dada técnica instrumental, envolve iniciativas e deliberações criticamente responsáveis, não passividade diante do "dado", mas lucidez de escolha e coragem de interpretação. Nesta diferente definição conceitual de seu objeto (o "texto") reside, de fato, e não apenas na maior perfeição das ferramentas disponíveis hoje, a diferença da nova filologia da filologia positivista: uma filologia não mais agnóstica diante do documento, não mais disposta ao servil papel de preparar materiais para os supremos exercícios de crítica, mas a própria crítica, com direitos iguais a qualquer outro modo de leitura: de fato, por sua atenção à palavra do poeta, a forma de crítica mais próxima do ato expressivo. Não é, portanto, formalista, isto é, preocupado com o aspecto formal fora de sua funcionalidade poética, que é a acusação mais comum a ela nivelada, nem é ainda menos a-histórico, se amor à história, não de tintas amareladas e livros de recortes empoeirados é o que o faz vaguear pelas oficinas secretas dos escritores: nem é movido pela ilusão ingênua de ver a grama crescer, ou seja, de surpreender o nascimento flagrante da poesia, mas sim pela curiosidade nunca saciada do historiador, que rejeita de si mesmo, o mais longe possível, o limite do mistério.

REFERÊNCIAS

- AVALLE, D'Arco Silvio. **Principi di critica testuale**. Padova: Editrice Antenore, 1978.
- BARATTA, Giorgio e CATONE, Andrea. **Tempi moderni: Gramsci e la critica dell'americanismo**. Roma: Edizioni Associate, 1989.
- BIANCHI, Álvaro. Gramsci, filólogo. **International Gramsci Journal**, Wollongong, Vol. 4, No. 13, p. (3-46), 2021.
- CROCE, Benedetto. **Philosophy, Poetry, History: An Anthology of Essays**. Londres, Toronto e Nova York: 1966.
- FRANCIONI, Gianni. **L'Officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"**. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- ISELLA, Dante. **L'officina della "Notte" e altri studi pariniani**. Milano e Napoli: R. Ricciardi, 1968.
- ITALIA, Paola; RABONI, Giulia. **What is Authorial Philology?** Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2021.
- LEVENTHAL, Robert S. The Emergence of Philological Discourse in the German States, 1770-1810, **Isis**, Chicago, Vol. 77, No. 2, p. (243-260), Jun., 1986.
- REILL, Peter Hanns. Philology, Culture, and Politics in Early 19th-Century Germany, **Romance Philology**, Oakland, Vol. 30, No. 2, p. (18-29), Nov., 1976.

Recebido em 12 de fevereiro de 2023

Aceito em 13 de abril de 2023

Editado em maio de 2023